

Relações entre jornalistas e fontes em ambiente de convergência: uma proposta de taxonomização¹

Marizandra Rutilli²

Debora Cristina Lopez³

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Resumo

Esta pesquisa tem como tema o estudo das fontes em ambiente de convergência. Propomos uma discussão teórica sobre rádio e convergência e o papel das fontes jornalísticas no meio. A partir de nossas reflexões propomos uma atualização e adequação de algumas categorias apresentadas por Pinto (2000), aplicadas ao cenário da convergência em relação às fontes, aos diálogos e níveis de interferência segundo a visibilidade permitida pelas tecnologias e plataformas digitais. Se um usuário ou mesmo qualquer pessoa não tem, por vezes a atenção merecida dentro do processo de construção da notícia, ganha credibilidade e visibilidade como fonte quando constrói, em espaços on-line, comunidades de conhecimento.

Palavras-chave: fonte jornalística; tecnologias de informação e comunicação; convergência em rádio; rotinas produtivas.

Introdução

Neste estudo⁴ apresentamos reflexões a partir de um estudo sobre as fontes em ambiente de convergência. Observamos as formas de acesso às fontes em ambiente de convergência pelos jornalistas e o grau de interferência no processo de produção da notícia com base na relação entre fontes jornalísticas no rádio no presente contexto. Apresentamos, então, a proposição de um novo tipo de fonte, possível, pela visibilidade permitida pelas tecnologias de informação e comunicação⁵. Por meio das teorias do jornalismo tomamos as contribuições dos paradigmas sociológicos que compreendem o processo de construção da notícia, seja ele no rádio ou em outro meio, em uma realidade que demanda informações via

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e Mestra em Comunicação via Poscom – UFSM. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Política pela mesma Universidade. E-mail: maryrutilli@hotmail.com.

³ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral junto à Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor). Email: deboralopezfreire@gmail.com.

⁴ Este estudo traz parte dos resultados apresentados pela autora Marizandra Rutilli, em dezembro de 2014, em sua dissertação de mestrado intitulada “Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre”. Orientadora: Debora Cristina Lopez. Órgão de fomento: Capes.

⁵ Na dissertação que origina este artigo foi realizada uma análise do uso de fontes em emissoras informativas da cidade de Porto Alegre/RS; rádios Bandeirantes AM, Gaúcha e Guaíba. Nela, consideramos o newsmaking como aporte teórico-metodológico e os resultados obtidos a partir do uso de ferramentas metodológicas: entrevistas semiestruturadas e observação de rotinas de produção.

fontes, passando por uma série de filtros (*gatekeeping*) que têm como mediadores os jornalistas. Esta prática construtiva está inserida numa cultura profissional e organizacional. Nossa problemática observa como se dão as relações entre os jornalistas de rádio e as fontes em ambiente de convergência. Hipóteses iniciais: a) o radiojornalismo no contexto da convergência é amparado em novos suportes tecnológico, que vão além de um contato mais rápido com as fontes, auxiliando nas rotinas produtivas do meio; b) a internet permite espaços de reverberação e se desenha como um ambiente on-line de construção da notícia: pesquisa, verificação e difusão da informação.

1. Rádio e fontes jornalísticas em cenário convergente

Conforme Bianco (2011), entre as mudanças do radiojornalismo brasileiro a partir da década de 1990 está a informatização das redações e de softwares tanto de edição quanto programação, além disso, com o acesso à internet, os profissionais passaram a ter acesso gratuito a agências de notícias, jornais on-line nacionais e internacionais. Houve então, um processo de ampliação das fontes de informação por meio da internet, que até então só eram contatadas pelos jornalistas por suportes físicos (telefone, áudio, carta, fax, entre outros).

A relação entre jornalistas e fontes é intrínseca já que estas em suas múltiplas variedades, fornecem para os profissionais as informações sobre os fatos ocorridos e os nutrem com notícias de seu interesse. O jornalista, de posse do material os seleciona, utilizando, para tanto, critérios de noticiabilidade que seguem lógicas organizacionais, produtivas e específicas conforme cada emissora. Após, passam pelo processo de tratamento jornalístico. Refletir sobre as fontes jornalísticas compreende, conforme Pinto (2000), um entendimento além da sua função específica nas práticas jornalísticas. Para Pinto (2000, p. 2), “As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados”. Segundo Alcântara, Chaparro e Garcia (2005) a fonte é quem passa para o jornalista informações para que, de posse destas, possa construir o que os autores denominam “narrativa da atualidade”, entendida por nós como notícia. Também, por intermédio da fonte, se chega ao acontecimento, à explicação, à polêmica.

É da fonte que o jornalista colhe o relato, o testemunho, a opinião, o conteúdo com que realiza a sua arte maior, a narrativa da atualidade. Da fonte brotam o acontecimento da notícia, a fala da explicação, a revelação da novidade, o detalhe poético para o requinte literário. Da fonte vem a polêmica que ativa o interesse do leitor e o saber que a reportagem socializa (ALCÂNTARA; CHAPARRO; GARCIA, 2005, p. 25).

O jornalista busca na fonte, na origem, as informações, dados, relatos, opiniões, novidades para construir seu relato jornalístico em forma de notícia. Nesta perspectiva, o jornalista atua como mediador entre os fatos e o mundo. Ferraretto (2001, p. 195), ao tratar do fluxo informativo no rádio, compreende-as enquanto “geradoras de material para a investigação de acontecimentos”. Para Lage (2000, p. 1), “são instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público”, que fornecem informações para as matérias jornalísticas. As fontes estão agrupadas de acordo com algumas classificações. Lage (2000, p. 10-13) as organiza pelo grau de confiabilidade, dispostas em caráter pessoal, institucional e documental. Para tanto, as classifica em três diferentes tipos; a) oficiais, oficiosas e independentes; b) primárias e secundárias e c) em testemunho e *experts*. As oficiais são mantidas pelo Estado ou por órgão ou instituição que exercem algum poder de Estado, como sindicatos e fundações. As oficiosas são aquelas pessoas que estão ligadas a indivíduos ou instituições, mas sem autorização para falar em nome destes e, se falarem, podem não ser credíveis. Já as independentes não possuem vínculo com nenhum órgão ou entidade sem “nenhum” interesse em específico. Em relação à segunda classificação de Lage (2000), as fontes primárias fornecem o essencial de uma matéria, dados, versões. As secundárias auxiliam na preparação de pautas ou contextos ampliados. Estas podem ser usadas em posições distintas em reportagens ou notícias, por exemplo. A produção leva em conta as fontes primárias, mas as secundárias também devem ser consideradas, uma vez que, podem fornecer previamente um panorama sobre o assunto ou confronto de fatos e opiniões de ambas, ampliando ou legitimando a notícia.

Sobre a terceira classificação, Lage (2000, p. 12) afirma que “o testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva”. O autor entende que nesses casos deve ser usado sempre o testemunho imediato, porque este se baseia em memória de curto prazo, por mais confusa que a fala possa ser. A perspectiva de Lage (2000), abordada pelo viés da confiabilidade, nos faz refletir sobre a relação de fontes e jornalistas, porque mostra de forma hierárquica os tipos de fontes e como cada uma torna-se fundamental. Como dito, o autor destaca que nem sempre as fontes oficiais passam informações verídicas, e que, assim como as demais, também têm interesses próprios a defender. Martínez-Costa (2002, p. 43) observa o jornalista como figura destaque, porém reitera que este não é único no processo de produção da notícia. As fontes de informação também são parte dele. Dessa forma, apresenta alguns tipos de fontes.

[...] Fontes de informação podem ser: as agências de notícias, uma assessoria de comunicação de qualquer empresa ou instituição, uma pessoa que esteja ligada ao fato jornalístico, os tribunais, agentes sociais, associações de moradores, hospitais, etc., embora também são consideradas fontes aqueles documentos que podem ser consultados pelo próprio jornalista, tais como arquivos, livros, revistas e publicações, etc. (MARTÍNEZ-COSTA, 2002, p. 43)⁶.

Complementando as classificações de fontes mais detalhadamente, a autora divide-as em três grupos: fontes pessoais, documentais, governamentais ou não governamentais. As pessoais, segundo Martínez-Costa (2002, p. 45) são caracterizadas como privadas, podendo ser também os próprios ouvintes quando testemunham fatos. Na relação do jornalista com esse tipo de fonte, a autora acrescenta algumas subclassificações: a duração da relação (podendo ser habitual ou provisória), a posição da fonte (ocupam cargos públicos, privados, confidenciais, especializadas) e a ação da fonte em relação ao jornalista (que contatam com os profissionais de forma comum ou compulsiva).

Nesta classificação, em relação às fontes pessoais, há uma consideração de fonte como sujeito e das variações sobre os modos de relacionamento dos jornalistas com estas, além da posição que ocupam e da forma como os abordam para divulgar informações. Isso os difere das documentais, pois estas são fontes materializadas (arquivos, banco de dados, fotos, entre outras) que demandam produções técnicas de sujeitos, instituições. Nesta classificação as fontes pessoais são vistas pela autora com certo nível de autonomia, notável quando se observa a ação da fonte em relação ao jornalista, ativas, que como sujeitos atores, têm objetivos e estratégias de atuação ao constatá-lo. Por outro lado, a duração da relação descrita pela autora se aproxima das categorizações apresentadas por Lage (2000), pois toma sentido pelo grau de confiabilidade que se estabelece entre ambos, podendo ser duradoura ou provisória, dependendo por vezes, da posição que a fonte ocupa.

As fontes documentais ou escritas, segundo Martínez-Costa (2002), compreendem documentos com informações úteis para os jornalistas, como banco de dados, arquivos e documentações em geral. Já as fontes governamentais compreendem os governos em forma de representantes de diferentes instituições. As não governamentais são mais amplas, fontes próximas de governos, mas não parte destes, podendo até ser de oposição; ainda, fontes

6 No original: “[...] fuentes de información pueden ser: las agencias de noticias, un gabinete de comunicación de cualquier empresa o institución, una persona involucrada en el hecho noticioso, los tribunales, agentes sociales, asociaciones de vecinos, hospitales, etc., aunque también son consideradas fuentes aquellos documentos que pueden ser consultados por el propio periodista, tales como archivos, libros, revistas, publicaciones, etc.” (Tradução nossa).

centrais e territoriais, caracterizadas como políticas e econômicas, ou mesmo locais, com alcance inferior, como hospitais, escolas, tribunais, entre outras.

Além de apresentar essas tipificações gerais sobre as fontes, Martínez-Costa (2002) também aponta algumas que considera de uso efetivo e direto nas produções jornalísticas no rádio. Estes apontamentos refletem diretamente em nosso objeto de pesquisa em modos únicos de observação. As fontes, a partir dessa perspectiva, são divididas entre comuns (agências de informação, outros meios de comunicação, arquivos, assessorias de imprensa e coletivas de imprensa) e fontes próprias, como o material elaborado na redação, informações trocadas entre veículos da mesma empresa ou grupo e ainda correspondentes especiais.

Em proximidade, Ferraretto (2001) também apresenta uma classificação de tipos de fontes no rádio, organizando-as em duas modalidades: internas e externas. As internas são a equipe de reportagem, enviados especiais, correspondentes. As externas são informantes, ouvintes, agências de notícias, outros veículos de comunicação, assessoria de imprensa⁷ e internet. Como forma de complementar os tipos de fontes, Santos Díez (2004) cita: agências de notícias/informação (que emitem um número significativo de informações e têm a função de dar pistas sobre acontecimentos), coletivas de imprensa (que desempenham um papel informativo, pelo qual, por vezes, são o único meio disponível para obter informação), correspondentes locais e internacionais (que cobrem informações do local e região onde se encontram, profissionais atuantes que, além de buscar informações, também incluem suas vivências pessoais e impressões), enviados especiais (dão informação pontual sobre o acontecimento, a qualquer hora, e como testemunho também), comentaristas especializados (pouco usado no rádio, mas em coberturas esportivas, dão seu ponto vista e também explicam as situações), colaboradores em comum acordo em pontos estratégicos (funcionários de hotéis, aeroportos, restaurantes, etc.), e informantes espontâneos.

Entre as fontes também estão jornais impressos (com predisposição a assuntos de grande relevância para o momento e consulta de dados), espetáculos (jogos, congressos, eventos culturais como palco de entrevistas e declarações, assuntos em reverberação), organizações (instituições e organismos que geram conteúdos informativos), departamento de Relações Públicas, Publicidade, arquivos, meios audiovisuais e por fim, a internet, como nova e ampliada forma de acessar informação ou de atualização. Sobre os tipos de fontes apresentados por Santos Díez (2004), observamos que a autora oferece uma grande

7 Compreendidas por nós como agentes profissionalizados que fornecem unidades-notícias dando versatilidade ao fluxo de informações *entre* a fonte e o veículo ou jornalista, a partir das contribuições de Wolf (1999), Ferraretto (2001) e Lorenzon e Mawakdiye (2002).

variedade que dá conta de abranger tanto as internas quanto as externas do rádio. Vale ressaltar, porém, que algumas também atuam como formas de acesso às fontes, canais com funções especializadas (que demandam ações estratégicas), tradicionais e integradas às práticas de produção e ferramentas tecnológicas.

A partir do cruzamento das classificações e tipos de fontes propostas por Lage (2000), Martínez-Costa (2002), Ferraretto (2001), Pinto (2000) e Santos Díez (2004), percebemos, que as fontes constituem-se fundamentais para a construção da notícia. As relações com os jornalistas incluem o grau de confiabilidade destas com os profissionais e vice-versa, e são amplas em potencialidades mesmo em caráter externo ou interno nas emissoras. Muitas destas atuam como canais de acesso às fontes. Variam de acordo com questões organizacionais, por exemplo, em perspectivas de normas institucionais e editoriais e quanto ao uso das fontes e sanções comerciais. As fontes são parte da atividade jornalística, que nutrem os jornalistas com informações, mas que também defendem interesses próprios. Podem estar hierarquizadas pelos jornalistas ou hierarquizará-los.

2. Características e formatos do rádio e das fontes em cenário convergente

De acordo com Kochhann, Freire e Lopez (2011, p. 267), “o rádio é por essência multiplataforma – e que esta característica se potencializou com o passar dos anos”. Desde a criação do veículo como meio de comunicação, as mudanças tecnológicas sempre acompanharam o rádio, tanto em relação às formas de transmissão quanto difusão e consumo. Assim, a tecnologias ou a convergência representam um contexto maior, um pano de fundo no processo histórico de evolução do rádio. Esta como descreve Jenkins (2009), situada em perspectiva de uma cultura, altera a relação comum existente entre tecnologias, indústrias, mercados, gêneros e também públicos. Neste caminho estão incluídos os modos de produção, difusão e consumo da informação. Além de contextualizada em unidade macro, a convergência também se ramifica formando quatro níveis: empresarial, de conteúdo, profissional e tecnológica. A empresarial se dá dentro das organizações. Segundo Salaverría e García Avilés (2008), oferece possibilidades para que empresas jornalísticas transformem-se, por exemplo, em grupos multimídias, permitindo, assim, redações integradas e compartilhamento de informações entre veículos de um mesmo grupo. Estas integrações, permitidas pela convergência empresarial, revelam também uma estratégia de atuação de grupos de comunicação, seja de fortalecimento ou agilidade nos processos produtivos.

Em conformidade com a convergência empresarial desenvolve-se a de conteúdo, uma vez que esta, guiada pelas plataformas digitais e dispositivos móveis, permite a distribuição de um mesmo conteúdo (com adaptações) para diferentes canais. Conforme Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 176), esta modalidade da convergência compreende “a exploração de novas linguagens e formatos possibilitados pela hibridização de formas simbólicas desenvolvidas para difusão em multiplataforma”. A profissional, por sua vez, reflete o perfil multimídia que os profissionais acabam assumindo em razão da convergência, que segue interligada entre seus níveis, num chamado “efeito dominó”. Segundo Ferraretto e Kischinhevsky (2010), as alterações em perspectiva profissional permitem integração de estruturas para a produção de conteúdos, mudanças nas rotinas e relações de trabalho e formação e qualificação para profissionais multimídias e em ambiente semelhante. Uma noção perceptível em unanimidade.

Ao considerarmos tal perspectiva, entra em confluência a convergência tecnológica, uma vez que as tecnologias de informação e comunicação permeiam não somente o rádio, mas todos os meios de comunicação, contexto no qual estamos inseridos em todos os âmbitos profissionais. Conforme Salaverría e García Avilés (2008, p. 5), esta multiplica suportes de consumo por parte do público, “obrigando” os meios de comunicação, em nosso caso, o rádio em destaque, posto que os processos evolutivos perpassam a relação com o público e as novas proximidades e diálogos. Para Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 176), é vista como “a infraestrutura de produção, distribuição e recepção de conteúdos em suportes digitais, tais como computadores, gravadores, *softwares* de edição e gestão de conteúdos, bases de dados, redes de fibra óptica, etc”.

Segundo Ferraretto (2007) não é mais possível desde então tratar do rádio no singular, mas sim em perspectiva de plural, uma vez que o meio amplia-se em suas formas de consumo e difusão e não possui mais uma caracterização de AM ou FM, estabelecendo conexões de rede via computadores, celulares, smartphones, tablets e demais aparelhos tecnológicos. Sua caracterização também tem influência do seu público, ainda visto pelo autor como ouvinte. Os conceitos de rádio expandido de Kischinhevsky (2012), rádio hipermediático de Lopez (2010) e radiomorfose de Prata (2009) tornam-se também fundamentais para essa compreensão. O rádio expandido parte de uma noção de rádio social que expande para mídias sociais e microblogs e demais ferramentas tecnológicas, permitindo o consumo e a apropriações de conteúdo via lógica de receptores em processo de interação com o rádio, possibilitado via tecnologias de informação e comunicação. O rádio hipermediático de

Lopez (2010), o qual, tendo como base fundamental o som, diversifica sua linguagem e suportes pelos recursos da tecnologia. Nessa nova configuração da comunicação radiofônica, o som é elementar, contudo a informação passa a ser complementada por novos recursos, incluindo desde a produção de conteúdos multimídia, arquivos em *podcast* para consumo assíncrono, níveis de interatividade e alcance geográfico. Em confluência, destacamos o conceito de Prata (2009), que observa o rádio em um processo de radiomorfose, transformações provocadas pelas tecnologias que permitem reconfigurações dos gêneros e das formas de interação previstas via rádio.

Desta forma, podemos reconhecer que a convergência vai além do entendimento oferecido e tentado explicar sobre o meio rádio. Quando discorremos sobre as alterações nos modos de produção do mesmo, somos incitados a observar, com Ferraretto (2013), que as transformações também afetam a figura e os modos de atuação do comunicador e dos profissionais que atuam e que têm seus perfis atrelados ao nome da emissora à qual pertencem. Se, de um lado, a convergência pode ser observada sob vários ângulos, seguindo tais perspectivas também é possível descobrir e potencializar discussões sobre questões ainda pouco exploradas, como a mudança do papel do comunicador bem como sobre as fontes jornalísticas inseridas neste contexto. Da mesma forma que todos os profissionais das emissoras tornam-se comunicadores em prospecção por meio de mídias sociais, as fontes também passam a permear o ambiente digital e convergente.

3. A fonte no cenário convergente

A partir das perspectivas da compreensão dos tipos e funções específicas das fontes, entendemos que é preciso observá-las inseridas no novo contexto midiático, posto que a convergência, como descreve Jenkins (2009, p. 43), “altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos”, e também a lógica de operação da indústria midiática e a forma como os consumidores processam notícia e entretenimento. Por outro lado, ponderamos as colocações de Bianco (2004) sobre a internet, que além de ser, uma forma de acesso às fontes, traz vantagens para a produção da notícia auxiliando a prática da pesquisa e recolhendo informações na rede.

Permite aos jornalistas se inteirarem rapidamente sobre o que já foi escrito sobre determinado assunto; torna os contatos com as fontes interativos; possibilita a ampliação e seleção de fontes de informação; agiliza a busca de dados, pesquisa e consulta a arquivos públicos, bibliotecas, órgãos públicos; facilita a coleta de maior quantidade de informação num menor espaço de tempo; além de aumentar o potencial de reportagem à distância

e do trabalho fora das redações em locais remotos (BIANCO, 2004, p. 160).

Em confluência com os autores, considerando as alterações entre tecnologias existentes (JENKINS, 2009) e as novas possibilidades que a internet propicia aos sistemas de produção da notícia, percebemos que as fontes estão presentes em ambientes on-lines, perpassando, além da lógica da convergência, atuações estratégicas e apropriações de ferramentas digitais e interações com os jornalistas sob diferentes perspectivas. Recuero (2011) pontua uma chamada teia informativa em que a informação é produzida (nesse caso pela fonte), circula (via *site* de rede social) e é filtrada pelo jornalista, considerando ainda que atores tornam-se emissores em potenciais. No contexto de convergência midiática qualquer emissor pode vir a ser uma fonte, a origem de uma informação, além daquelas que já se constituem como tais – oficiais, documentais, internas, governamentais, entre outras. Dessa forma, a visibilidade da internet, e o próprio canal de acesso permitem através de conexões on-line que jornalistas contatem com novas fontes ou já tradicionais. Assim as novas fontes tornam-se “visíveis” aos jornalistas porque pelos espaços on-line unem-se e buscam o objetivo comum de participar das discussões das mídias, ação concretizada quando tornam-se fonte para os jornalistas.

Machado (2003, p. 14) destaca que “a redistribuição de poderes entre os atores sociais no processo de produção de conteúdos jornalísticos no jornalismo digital contribui para desestabilizar as convenções morais entre fontes, público e anunciantes”. Dessa forma, esses atores sociais podem contribuir para a construção de um espaço público democrático. Ao fazer uma releitura do contexto atual, pelas colocações de Machado (2003), podemos perceber, que por meio de ambientes de convergência, também há a constituição de espaços públicos em relação à produção da notícia, remodelados, com “permissão,” para que demais atores sociais (entre eles as próprias fontes) participem do processo de construção da notícia, democratizando-o a partir do ciberespaço. Isso tem implicações na constituição de novos modelos jornalísticos onde segundo Recuero (2011, p. 2), “a audiência passa a fazer parte do processo como construtores, relatores e debatedores de notícias”. Ao refletir sobre o rádio, consideramos que o meio tem um público caracteristicamente participativo. Com as ferramentas digitais e apropriações do ciberespaço também pelos ouvintes, temos potencialmente “um espaço público democrático” e interativo.

Em relação à apropriação que as fontes passaram a fazer das ferramentas digitais ou do próprio ciberespaço, percebemos que esta se revela pela própria ocupação do ciberespaço.

Para Machado (2003, p. 25), houve uma multiplicação de fontes em escala mundial, sem tradição especializada no tratamento de notícias. Essa multiplicação pode ser observada pela presença das fontes em *sites* de redes sociais (fontes variadas, como oficiais, governamentais, documentos, banco de dados, fontes externas, entre outras), e também em aplicativos, comunidades e blogs. Desse modo, notamos que as tecnologias de informação e comunicação, assim como a internet, permitiram mobilidade e conectividade entre os membros da sociedade atual. O fluxo de informação se ampliou em diversas vias na perspectiva de uma comunicação horizontal. A internet, como canal de acesso, permite interações tanto entre produtores quanto consumidores e fontes.

A novidade do jornalismo digital reside no fato de que, quando fixa um entorno de arquitetura descentralizada, altera a relação de forças entre os diversos tipos de fontes porque concede a todos os usuários o status de fontes potenciais para os jornalistas (MACHADO, 2003, p. 27).

Assim, a compreensão do rádio e das fontes jornalísticas em contexto de convergência traz ao estudo contribuições para o entendimento de que as práticas redacionais carregam elementos do jornalismo em sua essência com o objetivo principal de produzir de notícias – o papel fundamental das fontes geradoras de material informativo. As tecnologias de informação e comunicação permeiam as redações, bem como oferecem suportes e agilidade para os profissionais no momento de produzir notícias, seja em relação a suportes ou facilidades de contato. Embora as notícias, sejam as principais abastecedoras da programação do rádio informativo, as equipes produtivas também necessitam dar conta de produções on-line, fazendo com que todos os profissionais tornem-se comunicadores em potencial. A presença das fontes jornalísticas em ambiente convergente torna mais próxima a relação destas com os jornalistas, que se nutrem a partir de um processo de reverberação em mídias e plataformas digitais.

4. A visibilidade permitida pelas tecnologias e plataformas digitais: um olhar sobre as taxonomizações de fontes aplicadas ao cenário de convergência

As relações entre jornalistas e fontes em ambiente de convergência têm proporcionado facilidade e agilidade. As plataformas digitais, bem como *sites* de redes sociais, aplicativos, estabeleceram canais mais rápidos de contatos e também de reverberação de informações em ambiente on-line. Sobram, contudo, ainda, elementos a serem potencializados, e, assim, apresentamos esta proposta de taxonomização que se dá segundo a *visibilidade permitida*

pelas tecnologias e plataformas digitais, que contempla também uma atualização e adequação de algumas categorias delineadas por Pinto (2000), aplicadas ao cenário da convergência, aos diálogos e aos níveis de interferência do atual contexto.

Pinto (2000, p. 3) ao desenvolver um importante mapeamento de campo sobre as fontes jornalísticas, apontava sobre a necessidade de um alargamento de debates envolvendo fontes e o jornalismo num sistema que considera as tecnologias de informação e comunicação e as interferências nas formas de produção, processamento e circulação de conteúdos em ambiente on-line. Com base no quesito interação fonte-jornalista, o autor apresenta algumas tipificações de fontes.

- segundo a natureza: fontes pessoais ou documentais;
- segundo a origem: fontes públicas (oficiais) ou privadas;
- segundo a duração: fontes episódicas ou permanentes;
- segundo o âmbito geográfico: fontes locais, nacionais ou internacionais;
- segundo o grau de envolvimento nos fatos: oculares/primárias ou indiretas/secundárias;
- segundo a atitude ante o jornalista: fontes ativas (espontâneas, ávidas) ou passivas (abertas, resistentes);
- segundo a identificação: fontes assumidas/explicitadas ou anônimas/confidenciais;
- segundo a metodologia ou a estratégia de atuação: fontes proativas ou reativas, preventivas ou defensivas.

Desse modo, confrontando nossa discussão teórica com estas classificações é possível esboçar uma aplicação de tais em cenário de convergência. A proposição é de uma nova categoria seguindo um viés de sistematização, contemplando esse cenário e a visibilidade das categorias anteriores. Assim, podemos inferir que, em relação à natureza das fontes (pessoais ou documentais), ainda que em contexto de convergência, estas não sofrem níveis expressivos de interferências. Notamos que as fontes jornalísticas compreendem principalmente fontes de natureza pessoal ou documental,

Já as tipificações relacionadas à origem, duração, âmbito geográfico, grau de envolvimento nos fatos, atitude ante os jornalistas, identificação e metodologia ou estratégia de atuação, podemos apontar alguns níveis de interferência em relação ao contexto de convergência relacionados a partir da *visibilidade permitida pelas tecnologias e plataformas digitais*. A tipificação, segundo a origem, sofre influências do contexto de convergências à medida que

fontes públicas (oficiais) ou privadas passam a atuar e estar presentes também em ambiente on-line. Isto, por sua vez, reforça canais de visibilidade tanto em relação aos jornalistas quanto ao público em geral. Quanto à duração, que contempla as fontes episódicas e permanentes, observamos, em relação à internet, que o novo cenário abrange uma multiplicação de fontes, dando complexidade à vida social e às relações entre fontes episódicas (atores sociais) multiplicadas, permitidas por novas vias de contatos.

Estas noções expressas pelo autor nos aproximam, ainda que pelo viés da democracia e da comunicação, das contribuições de Gomes e Maia (2008) que fazem menção a públicos “fortes e fracos”. Públicos fortes são aqueles representantes de sistemas políticos, ligados às elites, enquanto o público fraco tem relação com sujeitos de opinião pública. Ambos apresentam disparidades de representação junto aos meios de comunicação, apontando certa vantagem do “público forte”. Assim, os públicos fracos necessitam encontrar formas de atrair a atenção dos meios. Conforme Gomes e Maia (2008), contudo, ainda assim, agrupando-se mutuamente e encontrando formas de chamar a atenção dos meios, tem-se a considerar que os públicos fracos conseguem alcançar visibilidades mínimas e momentâneas.

As ferramentas digitais permitem diálogos e aproximações em potencial dos jornalistas com todos os tipos de fontes com as quais costumam contatar habitualmente, ou mesmo novas fontes. Deste modo, nossa proposta é de uma nova categoria seguindo um viés de sistematização, diálogos e níveis de interferência do contexto de convergência num direcionamento “*segundo a visibilidade permitida pelas tecnologias e plataformas digitais*” em que as novas fontes (formadas majoritariamente por públicos fracos) tornam-se “visíveis” aos jornalistas porque com as ferramentas digitais agregam-se em ambiente de convergência e buscam o objetivo comum de participar das discussões das mídias. Isso reflete a inteligência coletiva e constrói o capital social, que por sua vez, dá a consumidores, públicos fracos, antes “ignorados” pelas mídias, “o poder de fala”.

A visibilidade nos oferece, assim, aporte para duas novas subcategorizações: a visibilidade de sujeitos e a de grupos (organizados ou não). A de sujeitos compreenderia indivíduos comuns (fracos), que assumem o lugar de fala de especialistas e ganham espaço para exposição de seus trabalhos. Blogueiros, por exemplo, que normalmente não são reconhecidos pelas equipes produtivas como fontes, uma vez que não estão vinculados a instituições, mas que, em contrapartida, constroem capital social por meio da visibilidade permitida pelas redes. A visibilidade de grupos (organizados ou não) estaria relacionada a

grupos on-line que trabalham sob a perspectiva da inteligência coletiva (grupos virtuais, redes de colaboração, aplicativos como o *Waze*, empresas organizadas com Assessorias de Imprensa, entre outras).

Entendemos que, assim como há jogos de poder e disputa entre públicos fortes e públicos fracos em relação aos meios de comunicação, há também entre fontes e jornalistas. Normalmente as fontes oficiais, extraoficiais, dados, documentos oficiais são considerados como mais credíveis e possuem mais visibilidade junto aos jornalistas e equipes produtivas, enquanto o público, no caso das emissoras de rádio – ouvintes – costumam ter menos representatividade e voz de fala. Ao inserirmos tal realidade em ambiente on-line, muitas destas práticas ainda se repetem, porém podemos notar que públicos fracos ganham visibilidade e ferramentas para se engajarem em objetos comuns, de grupo, que, em ambiente off-line, ganhariam visibilidade parcial e momentânea. Esta concepção, em nosso entendimento, valeria também às fontes secundárias, perfazendo o grau de envolvimento nos fatos: oculares/primárias ou indiretas/secundárias, ouvintes, principalmente, que pela inteligência coletiva, agregações e iniciativas via *Waze*, incorporada pelo *Google Maps* em ambiente on-line, podem tornar-se fontes em prospecção para as equipes produtivas de emissoras que dão “preferência” para fontes oficiais, utilizando-se de seus públicos em suas rotinas produtivas, apenas como cases para matérias e reportagens.

As contribuições de Recuero (2011) apontam para a visibilidade da internet e a própria internet como canal de acesso para que jornalistas contatem novas fontes ou as já tradicionais, com a identificação: fontes assumidas/explicitadas ou anônimas/confidenciais. Novas fontes ou os antevistos públicos fracos tornam-se “visíveis” aos jornalistas porque, por meio de espaços on-line unem-se e buscam o objetivo comum de participar das discussões das mídias.

Considerações finais

A utilização do *Waze* para buscar informações ou atualizar-se sobre a situação do trânsito na capital gaúcha e região metropolitana torna-se válida para que os jornalistas, à medida que o tomam como espaço de consulta e de busca por informações (a partir de comunidades de conhecimento formadas por públicos fracos que conseguem visibilidade por meio de espaços on-line), reverberam nesses ambientes digitais em tempo real, desde que conectados à internet móvel. Todos estes processos nos levam ao entendimento de que nesses casos o capital social em rede se transforma, permitindo conexões e formando

comunidades, ainda que virtuais. A internet torna-se uma aliada, sendo uma ferramenta a mais para reforçar contatos sociais e redes de relacionamento, posto que os repórteres também utilizam tecnologias digitais para a captação de informações preliminares ou complementares. Os usuários do *Waze*, ao ajudarem outros indivíduos, suas ações ou ao atualizarem em tempo real mapas de áreas, como aponta Jenkins (2009), alavancam coletivamente expertises das comunidades de conhecimento (grupos organizados).

Assim, observamos caminhos para pensar as novas configurações e apropriações que as equipes produtivas de emissoras de rádio vêm passando em cenário convergente. As fontes, por sua vez, da mesma forma também passaram a apropriar-se de ferramentas digitais – novas possibilidades permitidas pelas tecnologias de informação e comunicação. Ao mesmo modo que notamos as fontes jornalísticas e as equipes de produção em ambiente on-line, também devemos considerar as audiências: públicos que, via inteligência coletiva e cultura participativa, agregam-se mutuamente e passam a conquistar, mesmo que intuitivamente, lugar de fala enquanto fonte. Se um usuário ou mesmo qualquer pessoa não tem, por vezes a atenção merecida dentro do processo de construção da notícia, ganha credibilidade e visibilidade como fonte quando constrói, em espaços on-line, comunidades de conhecimento, tanto de sujeitos como de grupos (organizados ou não).

Referências

ÂLCANTARA, Norma S.; CHAPARRO, Manuel Carlos, GARCIA; Wilson. *Imprensa na Berlinda – a fonte pergunta*. São Paulo: Celebris, 2005.

BIANCO, Nélia Del. *Noticiabilidade no rádio em tempos de internet*. Comunicação científica realizada na VI Lusocom. Covilhã, 2004.

_____. As transformações técnicas na produção do radiojornalismo e os valores-notícia. In: MOREIRA, Sonia Virgínia, (Org.). *70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941- 2011*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

FERRARETTO, Luiz. Artur. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 2001.

_____. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *30º Congresso Brasileiro de Comunicação*. Santos, 1º set. 2007. 15 f. Texto apresentado no Núcleo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora.

FERRARETTO, L. A.; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. *Revista Famecos*, v. 17, n. 3, p. 173-180, 2010a.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. Comunicação e democracia: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Tradução Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Radiojornalismo comunitário em mídias sociais e microblogs: circulação de conteúdos publicados no portal RadioTube. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 1, p. 136-148, jan./jun. 2012.

KOCHHANN, Roscéli; FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina. Convergência tecnológica, dispositivos multiplataforma e rádio: uma abordagem histórico-descritiva. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Orgs.). *Mídia sonora em 4 dimensões: 1ª ouvintes e falantes, 2ª memória política, 3ª programas de rádio, 4ª tecnologia e futuro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 281-296.

LAGE, N. Relacionamento do repórter com a fonte. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 9., 2000, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: Compós, 2000. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1432.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2014.

LOPEZ, Debora Cristina. As fontes no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. *Contemporânea*, Universidade Federal da Bahia, v. 7, n. 1, 2009.

MACHADO, Elias. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Salvador: Calandra, 2003.

MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (Org). *Información Radiofónica*. Barcelona: Ariel, 2002.

MATOS, H. TICs, internet e capital social. *Revista Líbero*, ano X, n. 20, dez. 2007. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/libero/issue/view/311/showToc>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. In *Comunicação e Sociedade*, 2000. Braga: Vol. 14 (1-2), p. 277-294, Universidade do Minho.

PRATA, Nair. *Webradio: novos gêneros, novas formas de interação*. Florianópolis: Insular, 2009.

RECUERO, R. “Deu no Twitter, alguém confirma?”: funções do jornalismo na era das redes sociais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9., 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SBPJor, 2011. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC_37.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SALAVERRÍA, Ramón; GARCÍA AVILÉS, José Alberto. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. *Trípodos*, Barcelona: Universitat Ramon Llull, n. 23, p. 31-47, 2008.

SANTOS DIÉZ. *Periodismo radiofónico*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2004.